

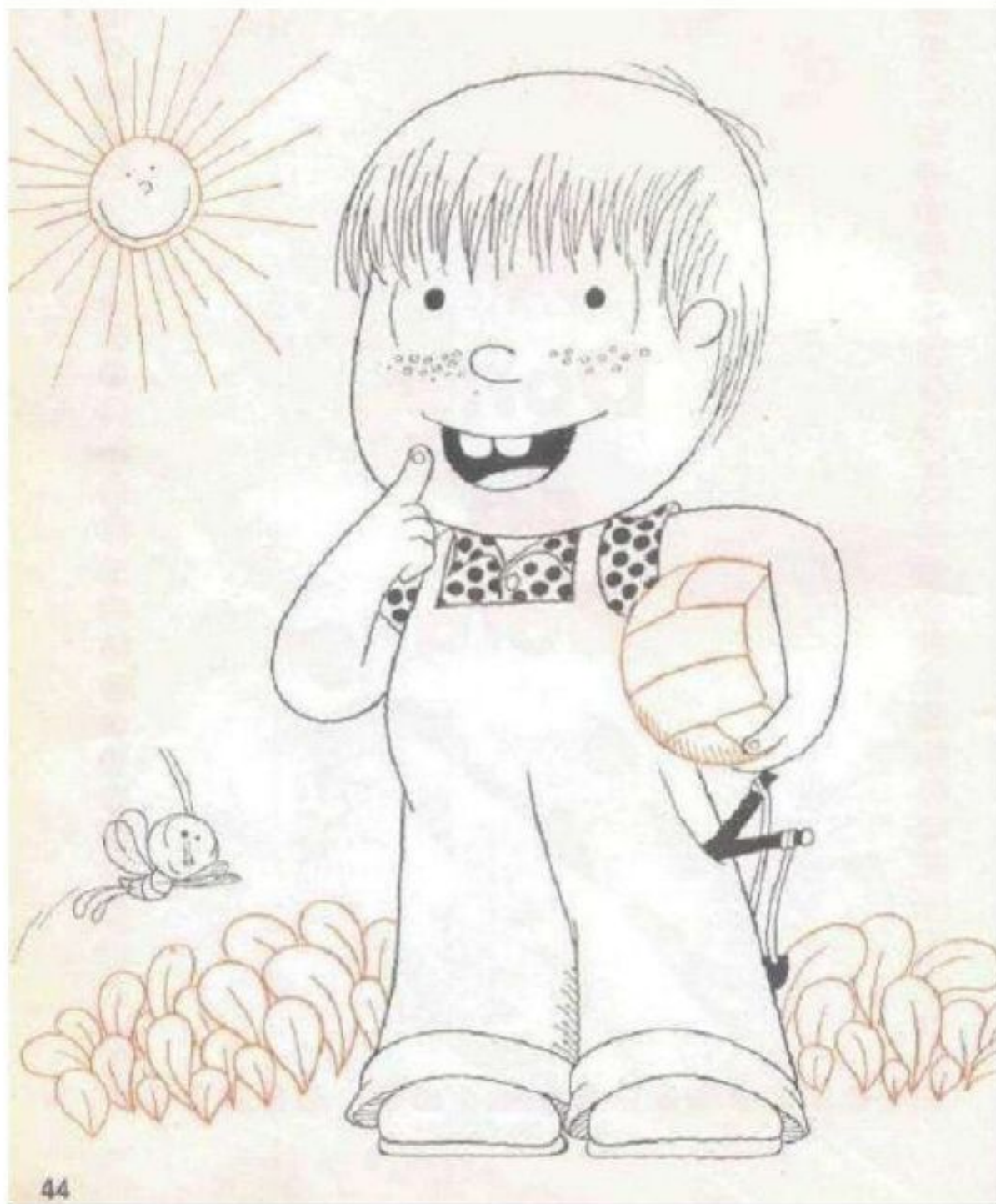
# O Dono da Bola

Ruth Rocha



Este é o Caloca. Ele é um amigo legal. Mas ele não foi sempre assim, não. Antigamente ele era o menino mais enjoado de toda a rua. E não se chamava Caloca.

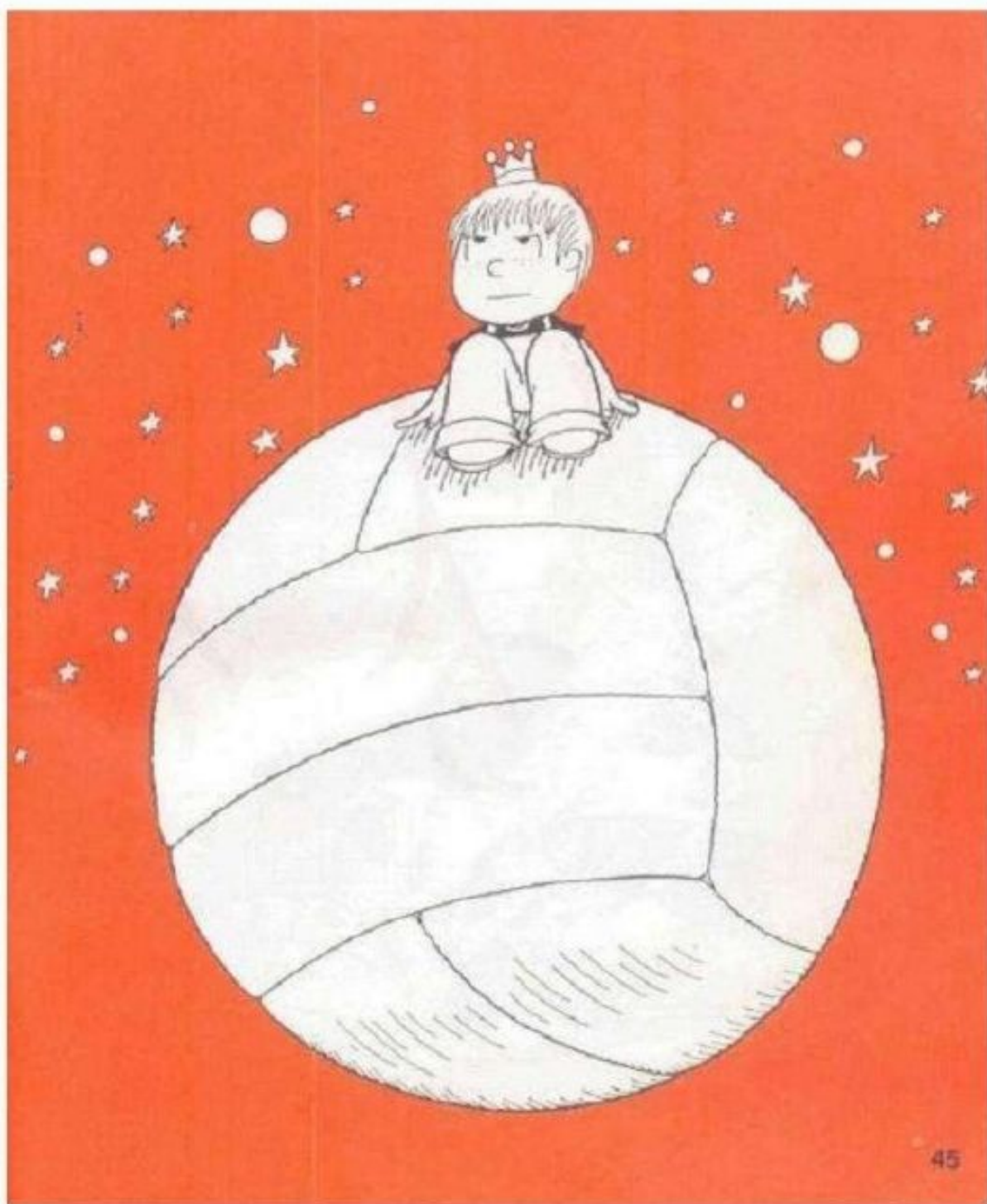
O nome dele era Carlos Alberto.



E sabem por que ele era assim enjoado?

Eu não tenho certeza, mas acho que é porque ele era o dono da bola.

Mas me deixem contar a história, do começo.



Caloca morava na casa mais bonita da nossa rua. Os brinquedos que Caloca tinha, vocês não podem imaginar! Até um trem elétrico ele ganhou do avô.

E tinha bicicleta, com farol e buzina, e tinha tenda de índio, carrinhos de todos os tamanhos e uma bola de futebol, de verdade. Caloca só não tinha amigos. Porque ele brigava com todo mundo. Não deixava ninguém brincar com os brinquedos dele. Mas futebol ele tinha que jogar com a gente, porque futebol não se pode jogar sozinho.



O nosso time estava cheio de amigos. O que nós não tínhamos era

bola de futebol. Só bola de meia, mas não é a mesma coisa. Bom mesmo é bola de couro, como a do Caloca. Mas, toda vez que a gente ia jogar com Caloca, acontecia a mesma coisa. Era só o juiz marcar qualquer falta do Caloca que ele gritava logo:

— Assim eu não jogo mais! Dá aqui a minha bola!

— Ah, Caloca, não vá embora, tenha espírito esportivo, jogo é jogo...

— Espírito esportivo, nada! — berrava Caloca. — E não me chame de Caloca, meu nome é Carlos Alberto!

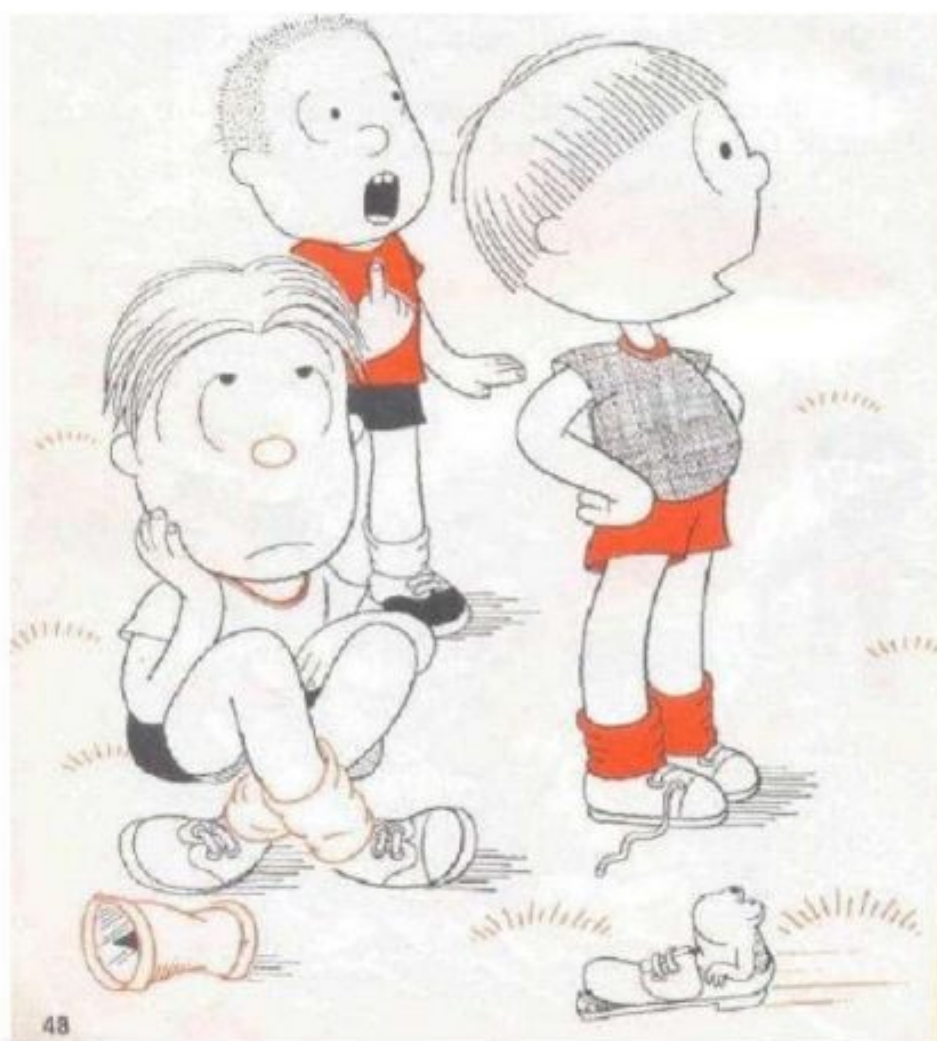


E, assim, Carlos Alberto acabava com tudo que era jogo.

A coisa começou a complicar mesmo, quando resolvemos entrar no

campeonato do nosso bairro. A gente precisava treinar com bola de verdade para não estranhar na hora do jogo.

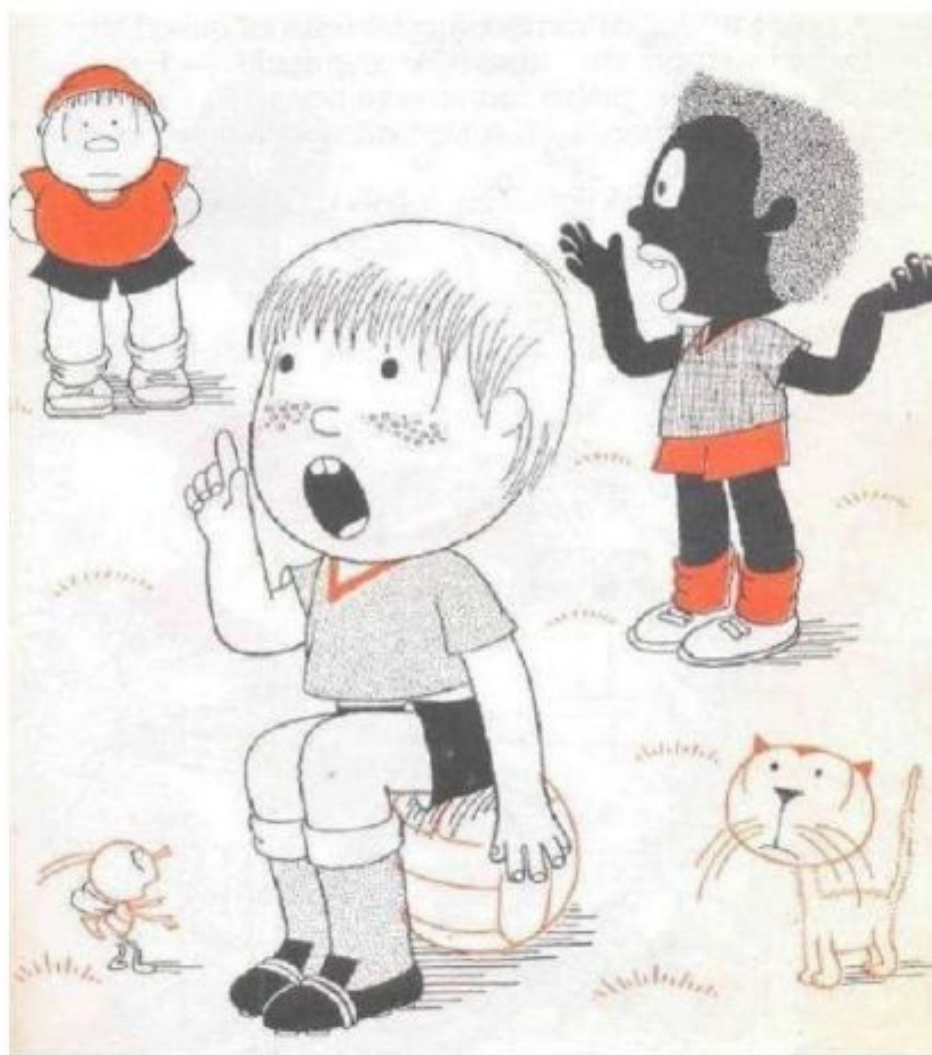
Mas os treinos nunca chegavam ao fim. Carlos Alberto estava sempre procurando encrenca:



- Se o Beto jogar de centroavante, eu não jogo!
- Se eu não for o capitão do time, vou embora!

— Se o treino for muito cedo, eu não trago a bola!

E quando não se fazia o que ele queria, já se sabe, levava a bola embora e adeus, treino.



Catapimba, que era o secretário do clube, resolveu fazer uma reunião:

— Esta reunião é pra resolver o caso do Carlos Alberto. Cada vez que

ele se zanga, carrega a bola e acaba com o treino. Carlos Alberto pulou, vermelhinho de raiva:

— A bola é minha, eu carrego quantas vezes eu quiser!

— Pois é isso mesmo! — disse o Beto, zangado. — É por isso que nós não vamos ganhar campeonato nenhum!

— Pois, azar de vocês, eu não jogo mais nessa droga de time, que nem bola tem!

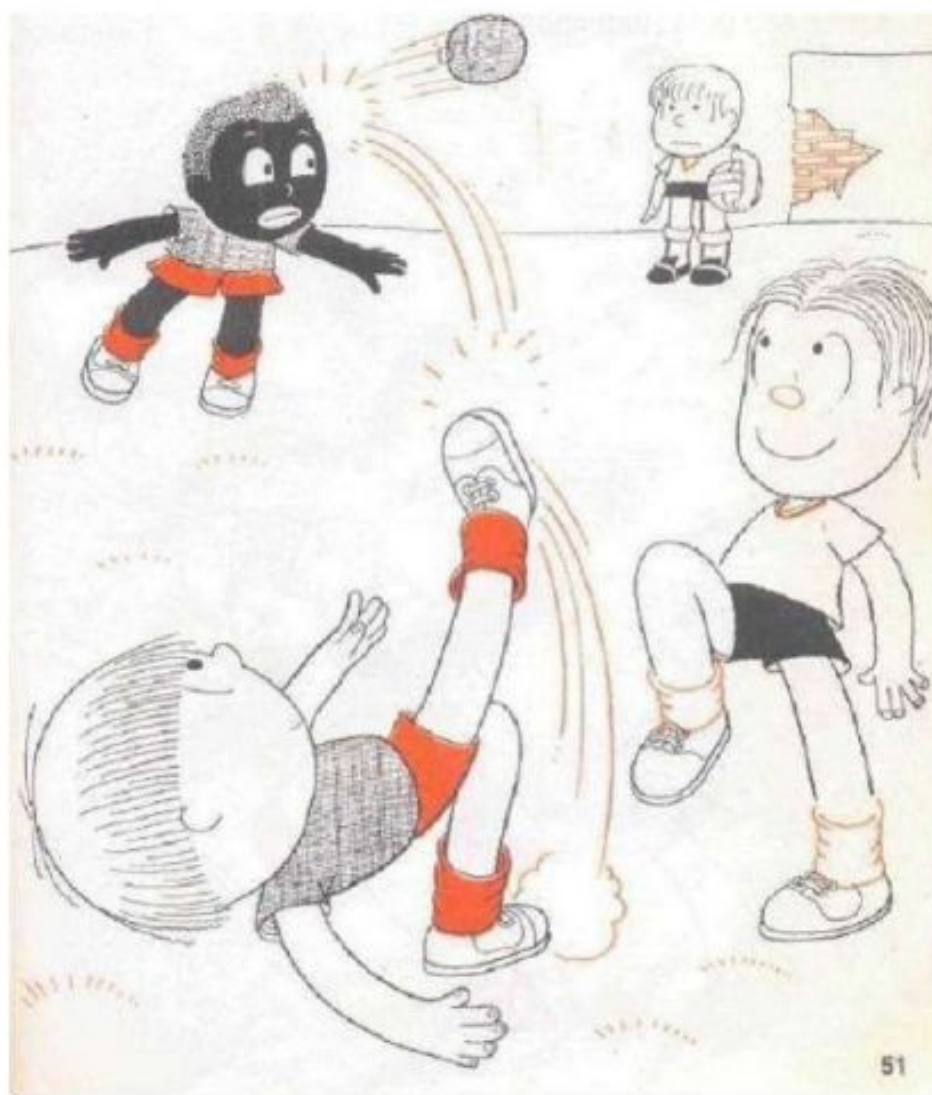
E Caloca saiu pisando duro, com a bola debaixo do braço.



Todas as vezes que o Carlos Alberto fazia isso, ele acabava voltando e dando um jeito de entrar no time de novo. Mas, daquela vez, nós estávamos por aqui com ele. A primeira vez que ele veio ver os



treinos, ninguém ligou.

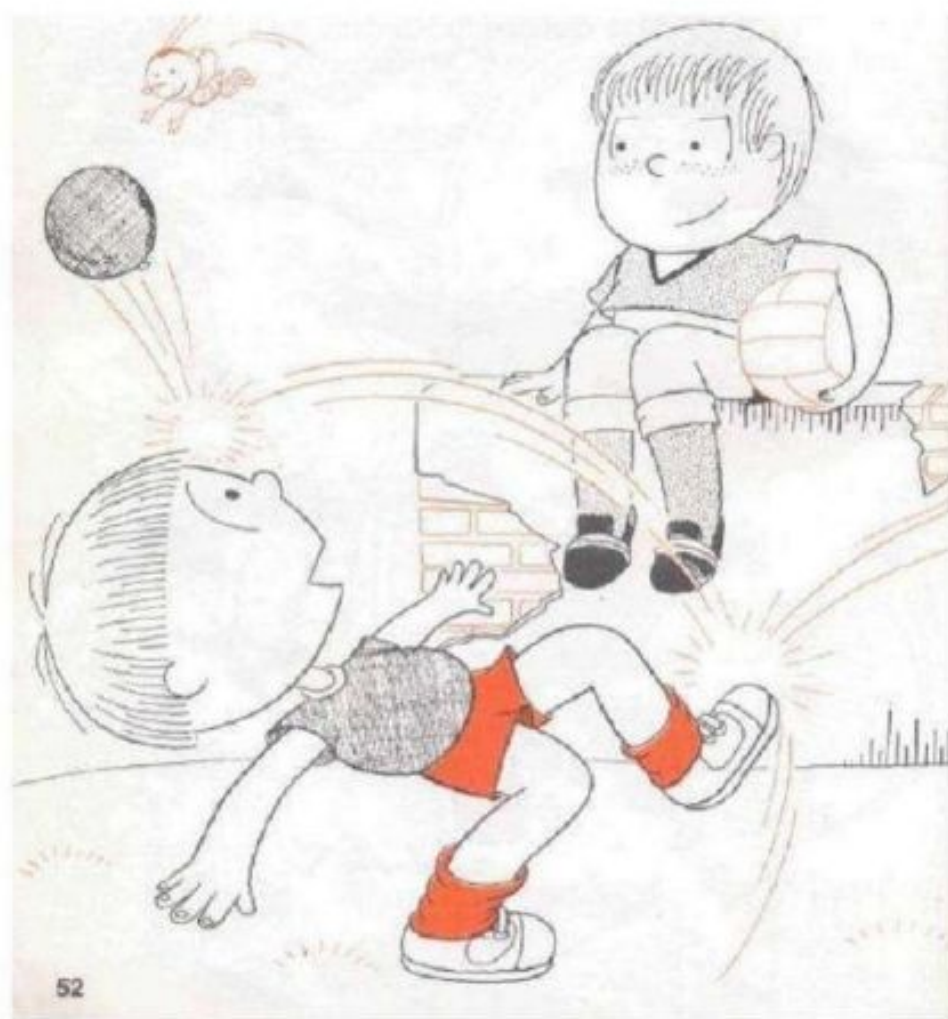


Ele subiu no muro, com a bola debaixo do braço como sempre, e ficou esperando que alguém pedisse para ele jogar. Mas ninguém disse nada. Quando o Xereta passou por perto, ele puxou conversa:

— Que tal jogar com bola de meia?

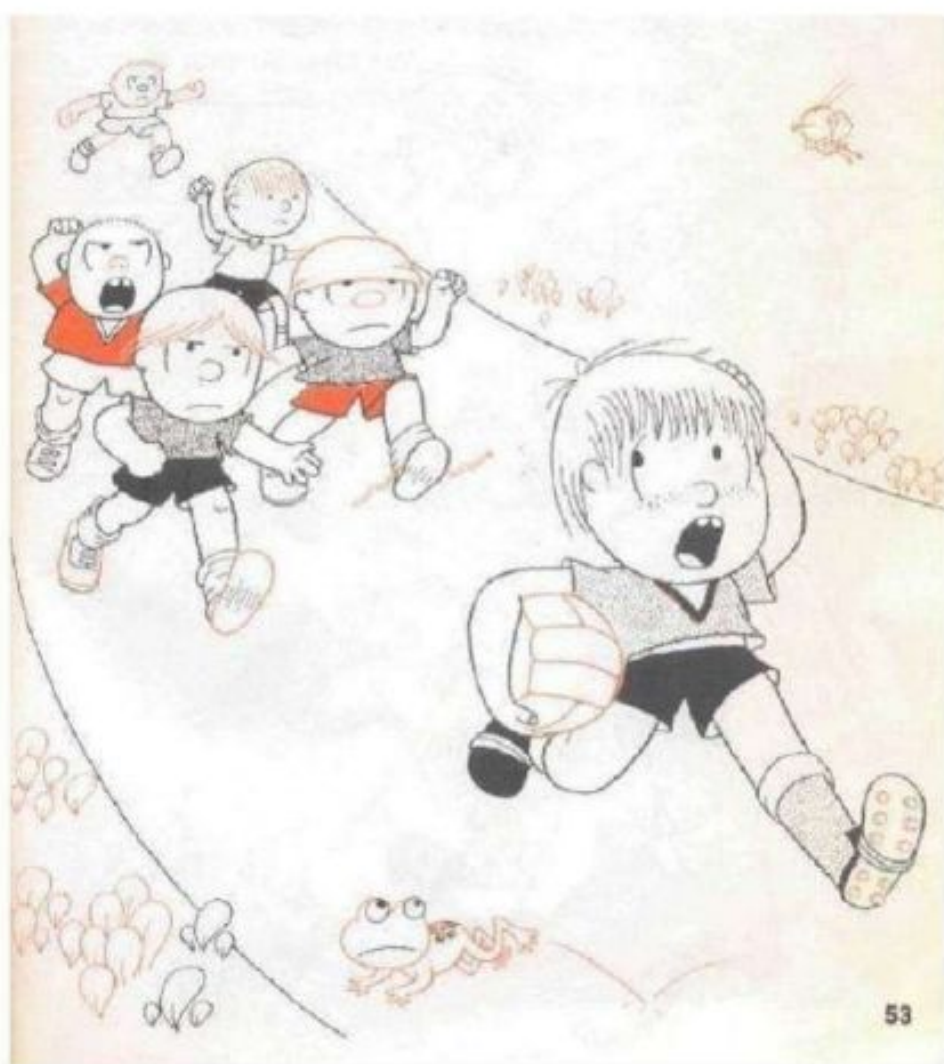
Xereta deu uma risadinha:

— Serve...



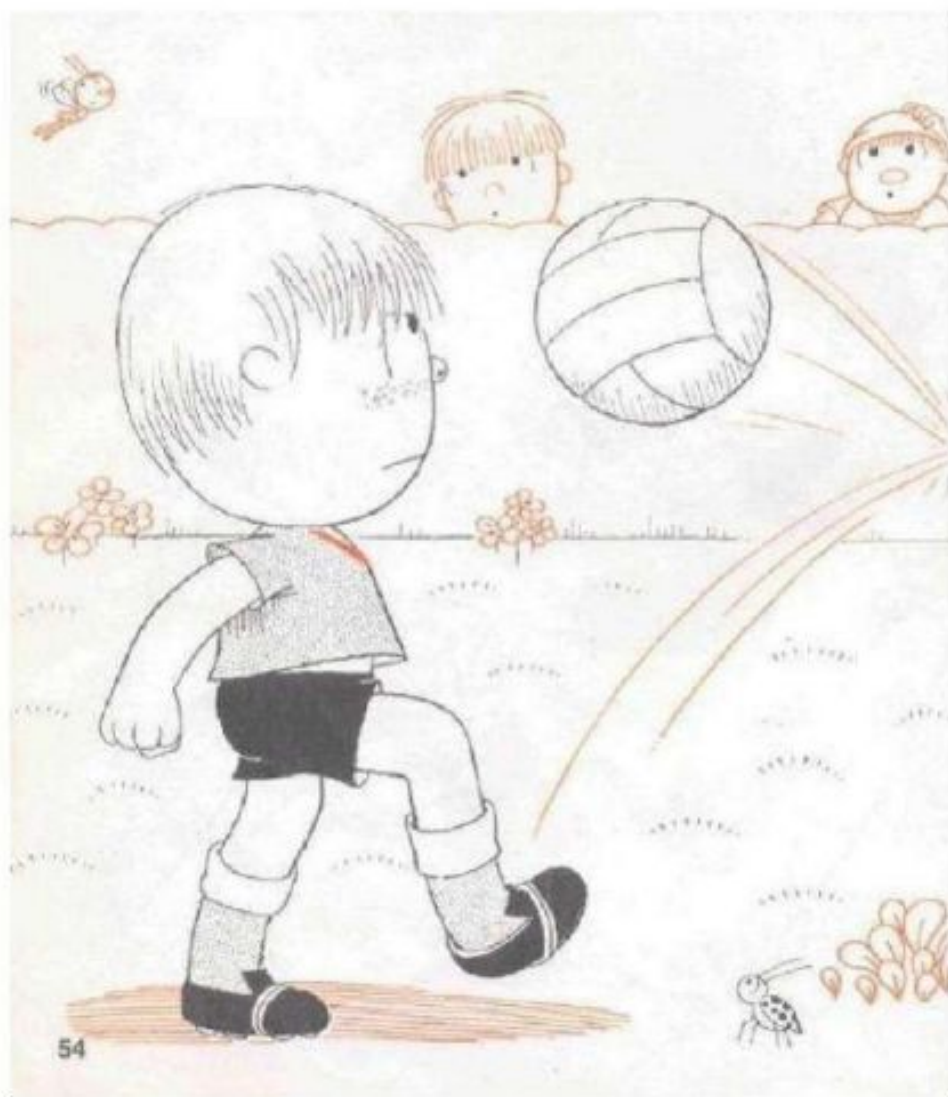
Um dia, nós ouvimos dizer que o Carlos Alberto estava jogando no time do Faz-de-Conta, que é um time lá da rua de cima. Mas foi por pouco tempo. A primeira vez que ele quis carregar a bola no melhor do jogo, como fazia conosco, se deu muito mal... O time inteiro do

Faz-de-Conta correu atrás dele e ele só não apanhou porque se escondeu na casa do Batata.



Aí, o Carlos Alberto resolveu jogar bola sozinho. A gente passava pela casa dele e via. Ele batia bola com a parede. Acho que a parede era o único amigo que ele tinha. Mas eu acho que jogar com a parede não deve ser muito divertido. Porque, depois de três dias, o Carlos Alberto

não agüentou mais. Apareceu lá no campinho.

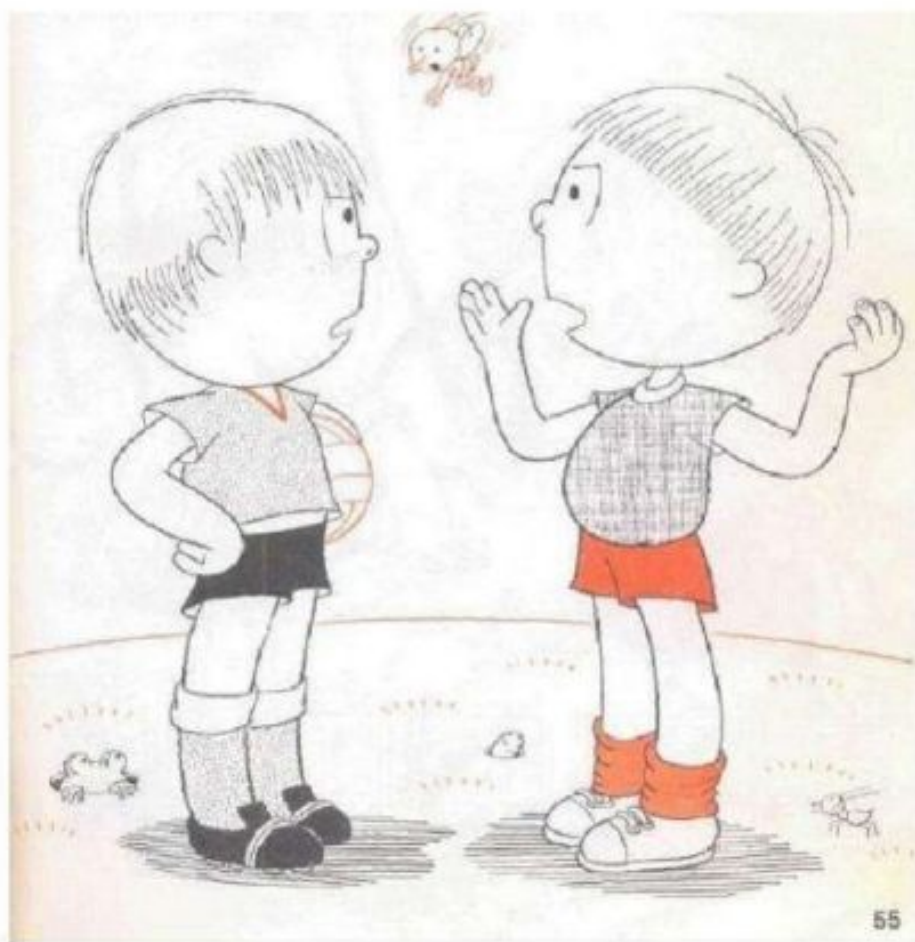


- Se vocês me deixarem jogar, eu empresto a minha bola.
- Nós não queremos sua bola, não.
- Ué, por quê?
- Você sabe muito bem. No melhor do jogo você sempre dá um jeito de levar a bola embora.

— Eu não, só quando vocês me amolam.

— Pois é por isso mesmo que nós não queremos, só se você der a bola para o time de uma vez.

— Ah, essa não! Está pensando que eu sou bobo?



E Carlos Alberto continuou sozinho. Mas eu acho que ele já não estava gostando de estar sempre sozinho. No domingo, ele convidou o Xereta para brincar com o trem elétrico. Na segunda, levou o Beto para ver os peixes na casa dele. Na terça, me chamou para brincar de índio. E, na quarta, mais ou menos no meio do treino, lá veio ele com

a bola debaixo do braço.



— Oi, turma, que tal jogar com uma bola de verdade?

Nós estávamos loucos para jogar com a bola dele. Mas não podíamos dar o braço a torcer.

— Olha, Carlos Alberto, você apareça em outra hora. Agora, nós precisamos treinar — disse Catapimba.

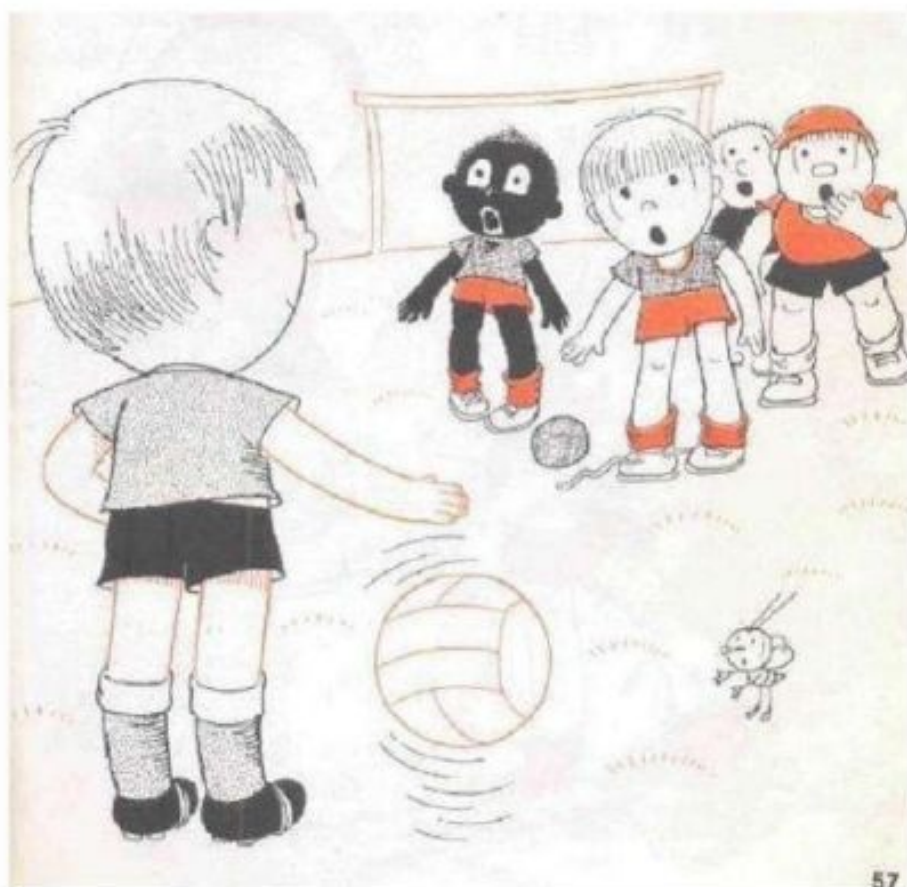
— Mas eu quero dar a bola ao time. De verdade!

Nós todos estávamos espantados:

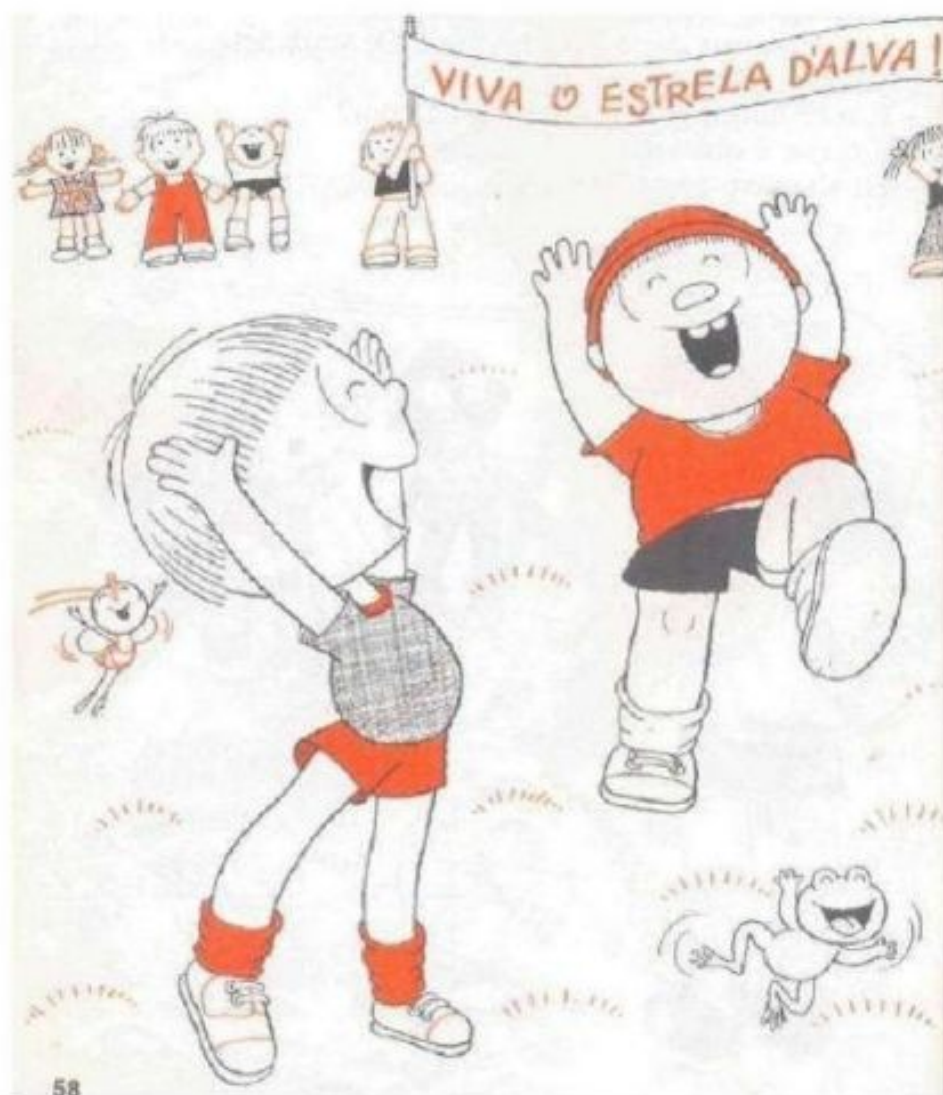
— E você nunca mais pode levar embora?

— E o que é que você quer em troca?

— Eu só quero jogar com vocês...



Os treinos recomeçaram, animadíssimos. O final do campeonato estava chegando e nós precisávamos recuperar o tempo perdido. Carlos Alberto estava outro. Jogava direitinho e não criava caso com ninguém.



E, quando nós ganhamos o jogo final do campeonato, todo mundo se abraçou.

A gente gritava:

— Viva o Estrela-d'Alva Futebol Clube!



— Viva!

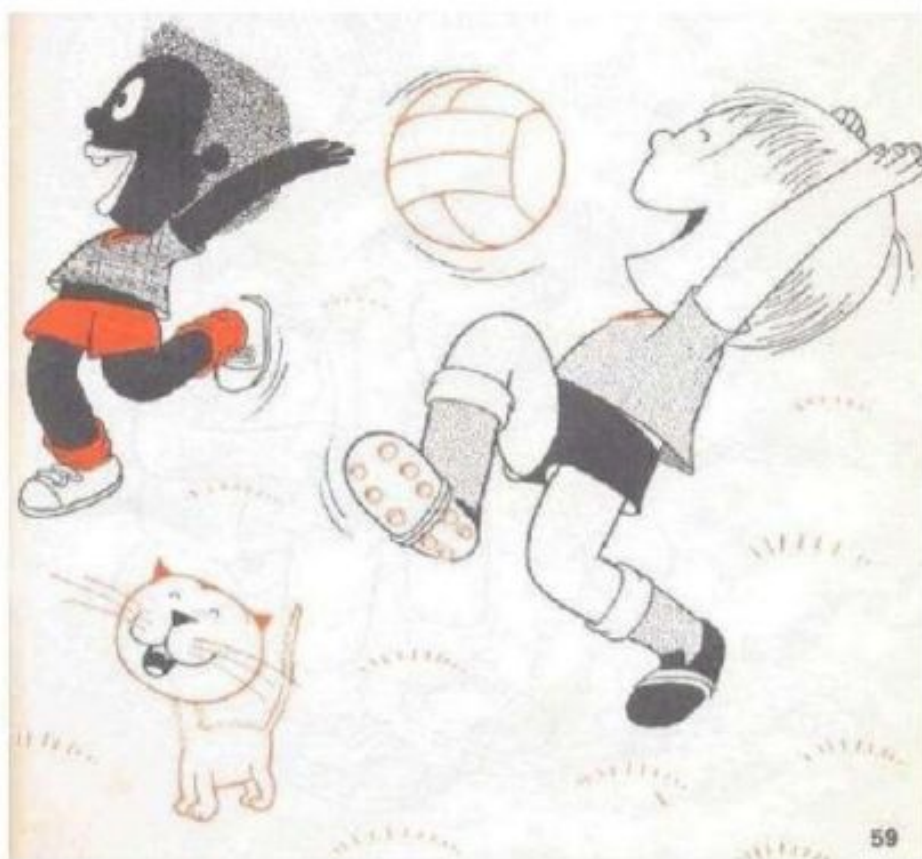
— Viva o Catapimba!

— Viva!

— Viva o Carlos Alberto! — Viva!

Então, o Carlos Alberto gritou:

— Ei, pessoal, não me chamem de Carlos Alberto! Podem me chamar de Caloca!



Faça de conta

que Caloca tinha um diário.

Escreva o diário do Caloca.

E conte como é

que o Caloca se sentia,  
desde que ganhou a bola  
até que deu a bola  
ao time.

Você já deu alguma coisa sua  
a seus amigos?

